ANALOGIA DOS PERSONAGENS DA OBRA CRIME E CASTIGO DE DOSTOIEVSKI ENTRE OS ARQUÉTIPOS JUNGUIANOS

DOI: 10.22289/2446-922X.V6N1A3

Keili Meira **Souza**¹
Gilmar **Antoniassi Junior**

RESUMO

Trata-se de um ensaio ante ao enredo de uma obra literária. Cujo objetivo é identificar os doze arquétipos junguianos presentes nas personagens da obra 'Crime e Castigo' do autor russo Fiodor Mikhailovitch Dostoiévski, publicada no ano de 1866. A obra aborda em seu enredo a história de um jovem de família pobre que sai de sua cidade no interior da Rússia para estudar na cidade grande. Posteriormente, abandona os estudos e com o tempo ocioso, planeja matar uma velha agiota, roubar-lhe o dinheiro, para com ele se consagrar depois ao serviço de toda a humanidade e ao bem geral. Nota-se na obra de Dostoiévski por meio do modo ao qual o autor narra o enredo de suas personagens a possibilidade de identificar as características personificadas de cada uma delas, favorecendo a oportunidade de aprofundar a discussão no campo psicológico entre a teoria junguiana da personalidade e as personagens descritas na obra, o que, facilitou a analogia dos arquétipos.

Palavras-chave: Homicídio; Castigo; Desilusão.

ANALOGY OF THE CHARACTERS OF THE WORK CRIME AND PUNISHMENT OF DOSTOIEVSKI AMONG THE JUNGUIAN ARCHETYPES

ABSTRACT

It is a question of a case before a tangle of a liter work. Whose objective is to identify the two Jungian archetypes present in the personagens of the work 'Crime e Punishment' of the Russian author Fiodor Mikhailovitch Dostoevsky, published not year of 1866. The work deals with the story of a story of a poor family who comes from his family no interior gives Rússia to study a large city. Subsequently, he abandons you in the idle tempo, plans to kill a velha agiota, roubar-lhe or dinheiro, so that he can devote himself to depois ao serviço de all a humanida e ao bem geral. It is noted that Dostoevsky's work is by way of which author or narrator or entanglement of his personagens to the possibility of identifying the personified characteristics of each of them, favoring the opportunity to deepen the discussion of a psychological field between a Jungian theory of personality as personagens described in the work, or that, facilitated to analogy two archetypes.

¹ Endereço eletrônico de contato: keilisouza@outlook.com

Recebido em 16/10/2019. Aprovado pelo conselho editorial para publicação em 26/12/2019.

Keywords: Murder; Punishment; Delusion.

ANALOGÍA DE LOS PERSONAJES DEL DELITO DE TRABAJO Y CASTIGO DE DOSTOIEVSKI ENTRE LOS ARQUETÍPIOS JUNGUIANOS

RESUMEN

Se trata de un caso ante una maraña de un litro de trabajo. Cuyo objetivo es identificar los dos arquetipos junguianos presentes en los personajes de la obra 'Crime e Punishment' del autor ruso Fiodor Mikhailovitch Dostoevsky, publicado no en el año de 1866. El trabajo trata la historia de una familia pobre que viene De su familia, ningún interior le da a Rusia para estudiar una gran ciudad. Posteriormente, él te abandona en el tiempo de inactividad, planea matar a una velha agiota, roubar-lhe o dinheiro, para que pueda dedicarse a despojar de todos los servicios humanos. Cabe señalar que el trabajo de Dostoevski es a través del cual autor o narrador o enredo de sus personajes a la posibilidad de identificar las características personificadas de cada uno de ellos, favoreciendo la oportunidad de profundizar la discusión de un campo psicológico entre una teoría junguiana de la personalidad como personajes descritos en el trabajo, o eso, facilitaron la analogía de dos arquetipos.

Palabras clave: Asesinato; Castigo; Engaño.

37

1 INTRODUÇÃO

O crime em qualquer que seja a prática cometida pressupõe ato proibido por lei que terá uma pena determinada caso realizado; revelando que, qualquer ação transgressora é digna de punição. Entre os atos transgressores, o homicídio está no meio dos crimes de maior expressão de gravidade, pois atenta contra a vida e afeta de maneira expressiva todos envolvidos. Desse modo, a prática homicida revela um ato de violência, onde a importância antropológica de defesa do homem em relação ao outro, coexistente de forma extensiva nos quadros culturais e sociais existentes na sociedade (Silva, Oliveira, & Dias, 2014).

Entretanto, muito se fala do homicídio para com o homicida, mas como deve se sentir um assassino depois de cometer o ato? Ora, essa resposta pode ser tão vasta quanto é a vastidão da subjetividade humana. Elas podem variar desde os sentimentos de completa indiferença e falta de remorso, ao sentimento de arrependimento e a mais terrível tortura e adoecimento psíquico; como aconteceu com o personagem Raskólnikov em *Crime e Castigo*, de Fiodor Mikhailovitch Dostoevski.

Para encontrar as respostas da ação homicida de quem pratica em relação ao homicídio, é necessário olhar para o ato em diversos contextos, como saber o que levou a prática; o porquê, *Rev. Psicol Saúde e Debate. Jul., 2020;6(1): 36-48.*

para quê, em que contexto social, cultural e psicológico o sujeito se encontra. O sucedido revela o modo muito particular de cada indivíduo que comete homicídio e a representatividade da realidade leva novamente as reflexões de suas origens de elaboração interna da sua subjetividade (Ferreira, Antoniassi Junior, Fonseca, Fonseca, & Ramos 2015).

Para a psicanálise, a construção psíquica do sujeito está invariavelmente ligada à sua relação com o social e com o outro, através de mecanismos psíquicos intersubjetivos. E é nesse limite de intersubjetividade que surge a violência, um dos fenômenos sociais mais intrigantes. Freud, em 'O mal-estar na civilização', nos mostra a importância da agressividade para a vida psíquica do indivíduo. Segue dizendo que, "todo ser humano apresenta uma inclinação congênita à agressividade, uma tendência inata para a destrutividade e para a crueldade" (Ferreira et al., 2015; Silva, Oliveira, & Dias, 2014).

Seria o caso de pensarmos, então, que todo ser humano é um assassino em potencial e que as representações sociais são atribuídas ao regulamento do comportamento humano (Ferreira et al., 2015).

No campo da Psicologia da Moralidade, os homicidas transgridem uma regra de convívio social e um fundamento de valor moral. Sendo assim, o homicídio é um atentado aos valores morais e culturais elevados da pirâmide da sociedade. Principalmente por seu atentado ao valor do bem maior, que é o valor da vida. Pelo princípio geral universalizado -o respeito à vida- a regra moral de não matar passa a ser uma questão de dever (Borges & Alencar, 2009). Todavia, muitas pessoas em determinados momentos de suas vidas não são capazes de agir respeitando essa regra moral de não matar. Devido à necessidade de convivência interpessoal, a moralidade envolve um conjunto de regras, segundo (Piaget, 1994).

Dessa forma, um indivíduo que constrói sua autonomia na moralidade, é capaz de um convívio social adequado, pois para estes as regras fazem sentido. Essas mensagens e valores morais são transmitidos paulatinamente e sem intenção através do convívio com os pares, nos parâmetros de reciprocidade e respeito mútuo, e, onde se têm valores e regras em comum. As interações sociais são valorizadas por Piaget segundo a moral e são elas que influenciam o desenvolvimento do sujeito (Piaget, 1994; Borges & Alencar, 2009).

Tanto Freud como Piaget apontam para ideia de que é por meio das relações sociais experienciadas que chegamos a um sujeito autônomo (Borges & Alencar, 2009). Deste modo, o crime de homicídio pode então ser uma falha na esfera da moralidade, pois é quando, em meio a uma fragilidade das regras sociais e morais o sujeito deixa de pensar no outro, de o levar em consideração e comete uma transgressão na imposição moral, no caso, 'o não matar' (Ferreira et al., 2015). É nesse contexto que acontece o crime doloso, ou seja, quando o sujeito deseja fazê-lo espontaneamente, ou assume os riscos de cometê-lo. Já o homicídio culposos, é praticado sem intenção, por imprudência, imperícia ou negligência.

Interessa-nos investigar como pensam os sujeitos homicidas em relação às razões ou motivações para o crime, sabendo-se da representação da realidade e do juízo de valor moral. Na representação da realidade, buscamos compreender o motivo *o que é*, para cometer o homicídio. No juízo de valor moral, tentamos compreender a aprovação para esse crime, 'o que deve ser' que aprove essa motivação. Tentamos fazer essa compreensão a partir do ponto de vista do homicida (Borges & Alencar, 2009).

No caso de Raskólnikov, que matou e roubou, não podemos acreditar que a motivação foi o roubo, já que ele escondeu o dinheiro e os objetos roubados e não usufruiu desse roubo. A motivação de Raskólnikov, foi pôr à prova sua capacidade de 'passar por cima' de obstáculos que, porventura, o impedissem de alcançar os seus objetivos. Ainda, ele foi motivado para saber se ele era um ser humano ordinário ou extraordinário; já que em sua teoria, os seres humanos extraordinários são amorais e não são submissos a leis ou regras (Dostoiévski, 2004).

Para Massola (2007), há três formas de criminosos: os doentes, que já estavam doentes antes de cometerem o crime, ou talvez cometeram por estarem doentes; o criminoso comum, que agiria como qualquer pessoa diante dos mesmos motivos e o terceiro grupo que se assemelha aos líderes absolutos. Lembrando que Raskólnikov usou como exemplo Napoleão Bonaparte; este se enquadraria, na perspectiva de Adorno e Horkheimer, no terceiro grupo de 'criminosos' (Dostoiévski, 2004). Sendo o primeiro grupo o mais comum, que é caracterizado pela doença. No primeiro, o indivíduo tem dificuldade em estabelecer contato com o mundo pelas formas legais e morais. Tais indivíduos também são considerados primitivos (Massola, 2007).

Assim, este trabalho, trata-se de um ensaio ante ao enredo de uma obra literária. Por conseguinte, o objetivo é de identificar os doze arquétipos junguianos presentes nos personagens da obra *Crime e Castigo* do autor russo Fiodor Mikhailovitch Dostoiévski.

Neste propósito aproximando a Psicologia por meio da teoria dos arquétipos de Jung da Literatura. No qual, os arquétipos são evidenciados em comportamentos externos, especialmente aqueles que se aglomeram em torno de experiências básicas e universais da vida, e se aderem à estrutura da própria psique humana (Jung, 2016) logo a obra de Dostoiévski permite fazer esta analogia entre os personagens e a teoria. Retratando a interdisciplinaridade como a proximidade que campos de conhecimento diferentes estabelecem uns com os outros, visando a ultrapassar os próprios princípios discursivos na intersecção com as perspectivas teóricas (Santos; Santos; & Silva, 2018).

2 O MÉTODO EMPREGADO NA UNIDADE DE ANÁLISE: OS DOZE ARQUÉTIPOS JUNGUIANOS E A OBRA CRIME E CASTIGO.

Existe uma estrutura psicológica por trás dos protagonistas, antagonistas e coadjuvantes nas obras de ficção. Isso acontece por causa de propício traço da personalidade, também

Rev. Psicol Saúde e Debate. Jul., 2020;6(1): 36-48.

chamada de arquétipos; composto a partir dos conceitos da Psicanálise de Freud por Carl Gustav Jung (2000); definidos conjuntos de *imagens primordiais* originadas de uma repetição progressiva de uma mesma experiência durante muitas gerações, armazenadas no inconsciente coletivo.

Segundo Jung (2016) o termo arquétipo é de origem Grega, o qual atribui o significado original e/ou velho – padrão, modelo e/ou tipo, no que se refere ao significado combinado de padrão original do qual todas as pessoas similares e/ou não, objetos ou conceitos são derivados, copiados, modelados ou emulados. Por isso, Jung, acreditava que existiam padrões de comportamento universais que residiam no inconsciente coletivo das pessoas. Assim, os arquétipos representam ensejos humanos e como evoluímos, conseqüentemente, eles sempre trazem à tona emoções profundas.

Dentre a multiplicidade de arquétipos existentes, Jung (2000) considerou doze tipos principais. Tendo em vista que cada arquétipo possui seu próprio conjunto de valores, significados e traços, onde um arquétipo tende a dominar uma personalidade em geral, mas a maioria das pessoas têm vários arquétipos na construção de suas personalidades (Jung, 2016).

Logo, Jung (2000) estabeleceu como os doze principais arquétipos: o inocente; o cara comum, o órfão; o herói; o cuidador; o explorador; o rebelde; o amante; o criador; o tolo; o sábio; o mágico; e por fim, o governante; o quadro em anexo detalha melhor a definição a ser utilizada na unidade de análise e identificação dos personagens da obra *o crime e castigo* (Dostoiévski, 2004).

40

2.1 A OBRA

A obra *Crime e Castigo*, de autoria do russo Fiodor Mikhailovitch Dostoiévski, publicada no ano de 1866 (a primeira edição), conta que Rodion Românovitch Raskólnikov é um jovem de família pobre que sai de sua cidade no interior da Rússia para estudar Direito em São Petersburgo. Após dois anos na cidade grande, teve que abandonar os estudos por falta de dinheiro. Durante o tempo em que esteve ocioso em seu minúsculo quarto subalugado, Raskólnikov desenvolve um plano para assassinar uma velha agiota de quem era cliente (Dostoiévski, 2004).

O plano era matar a velha e roubá-la para, com o dinheiro, terminar os seus estudos. Mas, o plano não sai como o esperado e ele acaba tendo que matar também a irmã da velha que chega no local. Raskólnikov mata as duas irmãs a machadadas. Depois do assassinato ele adoece, passa quatro dias dormindo e delirando com febre. Começa assim o seu *castigo* (Dostoiévski, 2004).

Na verdade, Raskólnikov não matou para roubar, tanto que escondeu o dinheiro e os objetos roubados e nem chegou a contar o valor, ele matou para pôr à prova uma teoria que criou na época da faculdade. Na sua teoria os seres humanos são classificados como ordinários e extraordinários. Os seres extraordinários não precisam seguir as leis, já que são eles que as

fazem, eles podem passar por cima de qualquer obstáculo que atrapalhe alcançarem um objetivo, inclusive matar. Um exemplo que Raskólnikov usa de um ser extraordinário é Napoleão Bonaparte - líder político e militar durante os últimos estágios da Revolução Francesa- Os outros seres são apenas matéria, seres inferiores e naturalmente submissos (Dostoievski, 2004).

Raskólnikov, em um certo momento, compara a velha usurária a um piolho, um ser que antes de fazer falta a alguém, prejudica. Todavia, tudo leva a crer que o real sofrimento de Raskólnikov não foi devido ao arrependimento, mas sim a descoberta de ser um ser ordinário, pois ele fraquejou, adoeceu; estes sintomas, na sua teoria, são de seres ordinários (Dostoievski, 2004).

Durante um mês Raskólnikov ficou numa indecisão cruel, se matava ou não. No fundo ele pensava que não chegaria realmente a cometer o ato. Como fica claro no trecho a seguir:

Raskólnikov afastou-se dali muito perturbado. E a sua perturbação ia aumentando cada vez mais. Quando saiu da escada parou várias vezes, como se estivesse subitamente preocupado por alguma coisa. E, por fim já na rua, murmurou: - Oh, meu Deus. Como tudo isto é repugnante! Ah, sim, sim, eu... não; isto é um absurdo, uma estupidez! - Acrescentou resolutamente. - E se me acontecesse esse horror? De que porcaria é capaz a minha alma! Isto é que é importante: é sujo, brutal, mau! E eu, durante um mês inteiro. Mas nem com palavras, nem com exclamações, podia exprimir a sua comoção. Um sentimento de imensa repugnância, que começava a oprimir e a mortificar o seu espírito, desde o momento em que fora ver a velha. (Dostoievski, 2004, p. 10).

41

Mesmo antes de cometer o ato, Raskólnikov já começa a sofrer tortura psicológica. Esses acontecimentos se passam numa São Petersburgo quente, abafada e insalubre. Dostoievsky descreve esse clima sufocante e de miséria com perfeição. A maioria das personagens do livro vivem na extrema pobreza. Com a mesma maestria, descreve do início ao fim do livro, o drama psicológico vivido por Raskólnikov (Dostoievski, 2004).

A família de Raskólnikov se resume a mãe Pulkhiéria Raskólnikova, e sua irmã Avdótia Românovna, essas o têm em alta conta, como se Raskólnikov fosse a última esperança das duas e nutrem por ele um amor verdadeiro. Quanto às amizades, ele cativou apenas um amigo no seu tempo de faculdade. Razumíkhin, é o único amigo dele por insistência em ficar ao lado de Raskólnikov, mesmo sendo maltratado ele está sempre por perto para auxiliar o amigo no que acredita ser necessário. Por ser misantropo, Raskólnikov sempre foge das pessoas e tem dificuldade de tratar bem até mesmo quem ele ama, como a mãe e a irmã (Dostoievski, 2004).

Rodion Românovitch Raskólnikov, jovem pobre, porém extremamente orgulhoso e nada comunicativo. Tinha no semblante a aparência de esconder qualquer mistério. Na faculdade, olhava para seus colegas como se fossem crianças, por sobre o ombro, como se estivesse muito acima de todos eles, na inteligência, no saber e nas ideias. Era como se as convicções e interesses dos outros fosse algo inferior (Dostoievski, 2004).

Raskólnikov foi descrito pelo seu único amigo como sendo áspero, severo, altivo, orgulhoso e terrivelmente taciturno; às vezes também rabugento e neurótico. Ele preferia ser rude a revelar o que trazia no seu coração. Não gostava de exteriorizar os seus sentimentos. Às vezes, parecia frio e de uma insensibilidade quase desumana (Dostoievski, 2004).

E embora não estivesse nem trabalhando nem estudando, e ficasse deitado sem fazer nada a maior parte do tempo, sempre dizia não ter tempo para nada. Toda a gente o incomodava. Não gostava de ouvir os outros. Mas, em contrapartida, Raskólnikov por vezes, se mostrou generoso e bom. É assim mesmo, como se nele altercassem dois caracteres desencontrados, que se manifestavam alternadamente. A generosidade dele ficou evidente várias vezes, uma delas foi quando Raskólnikov deu todo o dinheiro que sua mãe com muito custo havia lhe mandado, para a viúva de Marmieládov (Dostoievski, 2004).

Pulkhiéria Alieksándrovna, mãe de Raskólnikov, mesmo com os seus quarenta anos de idade, ainda era uma mulher jovem e muito bonita. Conservava a transparência da alma e um coração puro e fervoroso. Justamente por isso, ainda era muito bela, mesmo tendo suas faces já murchas e vincadas devido às preocupações e aos desgostos. Era o vivo retrato de Avdótia Românovna, Pulkhiéria era uma mulher extremamente bondosa e crédula (Dostoievski, 2004).

Avdótia Românovna, também chamada de Dúnia, irmã de Raskólnikov, era muito bonita, alta, esguia. Tinha movimentos ágeis e graciosos. No rosto parecia-se com irmão. Tinha os cabelos castanhos, um pouco mais claros que os dele; os olhos quase negros, brilhantes, altivos e, ao mesmo tempo, com ar de uma doçura ímpar. Era pálida, mas não de palidez doentia. Tinha a boca um tanto pequena com o lábio inferior levemente proeminente, bem como o queixo. O que era a única irregularidade no seu belo rosto, mas que, entretanto, lhe inspirava a certa altivez. A expressão do seu rosto era quase sempre preocupada, mais séria do que alegre. Mas, quando sorria lhe caía muito bem. Era uma moça firme, discreta, resignada, íntegra e generosa. Muito forte para sua idade. Tinha uma firmeza de caráter como poucas. Dúnia era capaz de suportar muitas coisas e de mostrar, até nos piores casos, toda a grandeza de sua alma (Dostoievski, 2004).

Dmítri Prokófitch Razumíkhin, o amigo de Raskólnikov, era admiravelmente jovial e expansivo. Era muito esperto, mas de uma índole tão boa, que às vezes o tomavam por ingênuo. O seu aspecto exterior era espantoso: alto, seco, sempre mal barbeado, de cabelo preto. Razumíkhin, era também conhecido por não se desanimar por nada, nem se preocupar em nenhum momento difícil. Era capaz de viver num patamar de escada, aguentar todas as aflições da fome e o frio mais excessivo. Também era extremamente pobre, mantinha-se sozinho, fazendo alguns trabalhos que lhe davam dinheiro. Conhecia uma infinidade de expedientes aos quais se pode recorrer sempre pelo trabalho honesto. Escondia profundidade e dignidade por debaixo

dessa simplicidade. Razumíkhin era bom e ingênuo, sensato e ponderado. Razumíkhin significa literalmente: ajuizado, sensato, de razum, inteligência, juízo, bom senso (Dostoiévski, 2004).

Sônia Siemiônovna Marmieládova, era a filha de Marmieládov, um alcoólatra que Raskólnikov conhece em uma taberna e por meio dele conhece Sônia e sua triste história. Raskólnikov se apaixona por Sônia e é correspondido. Ela era uma mocinha, muito pobre, porém modesta e decente. Uma carinha ingênua na maior parte das vezes, sobressaltada. Era extremamente tímida e com facilidade ficava embaraçada e desorientada. Corava como uma criança. Só de olhar se via que era muito humilde. Era muito magra e pálida, de feições bastante irregulares, com qualquer coisa de agudo em todo o rosto. Não se podia dizer que fosse bonita, mas, em compensação, tinha uns olhos azuis tão claros, que quando se animavam, a expressão do seu rosto assumia uma tal bondade e candura, que cativavam. Apesar dos seus dezoito anos parecia mais nova. Sônia, para não ver os enteados do seu pai morrerem de fome tira a identidade amarela, que era a concessão do estado para a prostituição (Dostoiévski, 2004).

Siemion Zakháritch Marmieládov, ex funcionário público que sempre perdia o emprego por causa do alcoolismo. Esse era um vício muito comum entre os russos pobres na época. Ele era um homem de cinquenta anos, troncudo e de meia estatura, meio calvo, uma cara com pintas amarelas e até esverdeadas, devido à bebida; as maçãs do rosto acentuadas, olhos estreitos e avermelhados. Mas, no seu olhar brilhava também uma espécie de solenidade - de fato, não lhe faltavam ideias nem espírito - e, no entanto, ao mesmo tempo deixava adivinhar algo de loucura. Sempre vestia o mesmo fraque preto, completamente esfarrapado, com um só botão. Trazia a cara raspada, como os funcionários, mas havia muito que não se barbeava. Os seus gestos demonstravam também, uma certa gravidade democrática. Marmieládov sentia muita culpa por sua filha Sônia ter de se prostituir para cuidar dele e da família dele, já que ele não conseguia (Dostoiévski, 2004).

Ekatierina Ivânovna, mulher de Marmieládov, tinha o aspecto muito fraco, era magra, muita alta, com um cabelo castanho ainda muito bonito, as faces muito coradas. O seu olhar era duro e insensível. Ekatierina Ivânovna era demasiadamente asseada, e como todos da família tinham apenas duas mudas de roupa, à noite, quando todos dormiam, ela lavava as roupas para entregá-las limpas de manhã. Era filha de um funcionário de alta patente, mas havia muito tempo vivia na miséria com Marmieládov. Nunca perdera seu ar de dignidade e até certa arrogância. Morreu louca e tísica (Dostoiévski, 2004).

Arkádi Ivânovitch Svidrigáilov, o ex patrão de Avdótia Românovna, era um homem de meia idade, bastante alto, porte atlético. O seu rosto, largo, bochechudo, era bastante simpático. Os cabelos eram totalmente loiros, a barba grande e farta, era ainda mais clara de cor do que o cabelo da cabeça. Tinha os olhos azuis e o olhar frio, persistente e perscrutador. Era, um homem muito bem conservado e parecia muito mais novo do que era. Svidrigáilov, se apaixonou por

Avdótia Românovna, fez muita pressão para ficar com ela até ela deixar o emprego. Quando ele ficou viúvo, recebeu toda a fortuna da falecida mulher. Com o dinheiro ele ajudou os órfãos de Ekaterina. Quando percebeu que não tinha mais meios para conquistar Avdótia Românovna, ele se mata com um tiro na boca (Dostoievski, 2004).

Piotr Pietróvitch Lújin, foi noivo por um tempo de Avdótia Românovna. Era um homem prático e cheio de ocupações. Homem de negócios de posição importante e podia ser considerado rico. Com quarenta e cinco anos, era um homem muito sério e distinto. Mas, um pouco carrancudo e orgulhoso, extremamente vaidoso e egocêntrico, empertigado e solene. Apesar de todos esses adjetivos, tinha um ar agradável e gracioso. Se vestia como os jovens da época. (Dostoievski, 2004).

Alíona Ivânovna, a primeira vítima de Raskólnikov, a velha usurária. Era uma velha pequena e muito magra, de uns sessenta anos, olhos vivos e maldosos. Tinha os cabelos grisalhos, sempre besuntados com azeite. A velha estava sempre a tossir e a gemer. Alíona Ivânovna tratava muito mal sua irmã Lisavieta Ivânovna, única parenta que tinha. Além de obrigar a irmã a fazer todos os trabalhos domésticos, debaixo de impropérios e xingamentos, ainda pegava todo o dinheiro que a irmã ganhava com trabalhos fora de casa (Dostoievski, 2004).

Lisavieta Ivânovna a irmã de Alíona Ivânovna, segunda vítima de Raskólnikov; era uma solteirona alta, desajeitada, tímida e benevolente, quase idiota, de uns trinta e cinco anos, que vivia numa autêntica escravidão e tremia na presença da irmã, que às vezes até batia nela. Trabalhava em casa da Alíona Ivânovna dia e noite; era cozinheira e lavadeira, ao mesmo tempo, e, além disso, costurava para fora e limpava outras casas também, entregando tudo quanto ganhava à irmã. Não se atrevia a aceitar nenhuma incumbência ou trabalho sem pedir previamente autorização à velha. Lisavieta era tão caladinha, tão mansa, tão dócil e acomodaticia, que a tudo se prestava. (Dostoievski, 2004).

Porfíri Pietróvitch, o investigador responsável pelo caso do assassinato das irmãs. Era um homem de uns trinta e cinco anos, baixo, bem barbeado, com o cabelo cortado rente na sua cabeça grande e redonda. A cara, cheia, redonda e um pouco achatada. Tinha cor de doente, amarelo-escura. Mas, tinha o semblante muito vivo e até risonho. Se não fosse a expressão dos olhos, sempre em movimento, como se estivesse piscando para alguém, poder-se-ia qualificá-la de bonacheirona. O olhar desses olhos formava um contraste estranho com toda a sua aparência, em que havia algo de feminino, e comunicava-lhe uma gravidade maior do que, à primeira vista, se podia esperar. Ele era extremamente inteligente e perspicaz. Porfíri Pietróvitch, foi um dos grandes responsáveis pelos tormentos de Raskólnikov, já que este nunca tinha certeza se o investigador sabia ou não se era ele o assassino (Dostoievski, 2004).

3 ANALOGIA ENTRE AS PERSONAGENS E OS ARQUÉTIPOS JUNGUIANOS

Analisando a personagem central do romance de Dostoievsky, Rodion Românovitch Raskólnikov e fazendo desta uma analogia com os arquétipos Junguianos, verificamos que Raskólnikov possui as características dos arquétipos: o Herói e O Rebelde. O Herói, como esta personagem, quer provar seu valor através de atos corajosos, teme a fraqueza, a vulnerabilidade e a covardia (Souza, 2016) e sempre corre o risco de ser arrogante.

O ato mais corajoso de Raskólnikov foi o homicídio, que ele cometeu para provar para si mesmo que era capaz e com o objetivo de alcançar um bem maior. Outro ato de grande coragem foi a confissão do seu crime. Ele repudiava sua covardia e acabava sempre sendo arrogante. O Rebelde, acredita que as regras devem ser quebradas (Souza, 2016), como Raskólnikov, que pensava estar acima de qualquer lei. Como o Rebelde, ele também poderia derrubar o que não estivesse funcionando e fazer uma revolução. Foi por várias vezes considerado um desajustado pelo seu amigo e por sua família.

Pulkhiéria Alieksándrovna, mãe de Raskólnikov, também possui características de dois dos arquétipos: O Cuidador e O Inocente. Religiosa e altruísta, ela tem as características do Cuidador que tem como lema amar o próximo como a si mesmo, proteger e cuidar dos outros, além de ter compaixão e generosidade (Souza, 2016). Suas características do Inocente são: a crença no paraíso, medo de ser punido por ter feito algo de ruim ou errado; tem como estratégia fazer as coisas certas, é ingênua e otimista (Souza, 2016).

Avdótia Românovna, irmã de Raskólnikov, possui as características dos seguintes arquétipos: O Mágico, O Sábio e O Cuidador. Muito boa, generosa e inteligente, do Mágico ela tem a compreensão das leis fundamentais do universo, teme consequências negativas não intencionais, e a capacidade de desenvolver uma visão e viver por ela. Como o Sábio, Avdótia Românovna, acredita na verdade como libertação, usa a inteligência e a análise para compreender o mundo, busca informação e conhecimento, é auto reflexiva. Ainda tem um pouco do Cuidador, pois ama seu próximo como a si mesma, protege e cuida dos outros, sente compaixão e é muito generosa (Souza, 2016).

Avdótia Românovna, se submeteu a trabalhar como governanta na casa de Arkádi Ivânovitch Svidrigáilov, que a pressionava e atormentava com suas investidas para que ela cedesse em ficar com ele, apenas para poder mandar dinheiro para seu irmão em São Petersburgo.

A personalidade de Dmítri Prokófitch Razumíkhin, o amigo de Raskólnikov, faz analogia aos arquétipos: O Inocente, O Cara Comum e O Criador. Do Inocente ele tem todas as qualidades; a liberdade, a crença no paraíso, o medo de magoar as pessoas, o otimismo utópico e a ingenuidade. Do Cara comum, ele tem a crença na igualdade entre as pessoas, ligação fácil

Rev. Psicol Saúde e Debate. Jul., 2020:6(1): 36-48.

com os outros e capacidade de desenvolver sólidas virtudes comuns. Do Criador ele tem as características de acreditar que se você pode imaginar algo, isso pode ser feito; criar coisas de valor duradouro, realizar e expressar a própria visão (Souza, 2016).

Lembrando que ele era admiravelmente jovial e expansivo. Era muito esperto, mas de uma índole tão boa que às vezes o tomavam por ingênuo. Razumíkhin, era também conhecido por não se desanimar por nada, nem se preocupar em nenhum momento difícil. Escondia profundidade e dignidade por debaixo de sua simplicidade. Razumíkhin era bom e ingênuo, sensato, ponderado.

Sônia Siemiônovna Marmieládova, tinha características do Inocente e do Cuidador. Do Inocente ela tinha a fé, a ingenuidade e o medo de ser punida por fazer algo errado. Já do Cuidador, Sônia tinha todas as qualidades como amar o próximo como a si mesmo, proteger e cuidar dos outros, compaixão, generosidade e altruísmo (Souza, 2016). Sônia era a filha do alcoólatra Marmieládov, ela era muito pobre, mas modesta e decente. Como sempre pensava mais nos outros que em si mesma, Sônia se prostitui para não deixar os enteados do seu pai morrerem de fome.

Siemion Zakháritch Marmieládov, o pai alcoólatra de Sônia, tem as qualidades do arquétipo O Tolo, que são: a crença em que só se vive uma vez e dessa forma ele goza cada momento como se não houvesse amanhã, jogar, fazer piadas, ser frívolo, desperdício de tempo (Souza, 2016). Marmieládov, sempre perdia o emprego por causa do alcoolismo. Andava sempre esfarrapado. Os seus gestos demonstravam uma certa gravidade democrática. Ele sentia muita culpa por sua filha ter de se prostituir para cuidar dele e da família dele.

Ekatierina Ivânovna, mulher de Marmieládov, tem as seguintes características do arquétipo O Governante: mania de poder e controle, criar uma família ou uma comunidade bem-sucedida e próspera, ser autoritária, incapacidade de delegar responsabilidade, liderança. O Governante é também conhecido como: O chefe, o líder, o ditador, o aristocrata, o rei, a rainha, o político, o gerente, o administrador. Embora Ekatierina Ivânovna fosse debilitada fisicamente, devido a doença (tuberculose), ela nunca perdeu a altivez e a mania de poder e de controle.

Para Arkádi Ivânovitch Svidrigáilov, o ex patrão de Avdótia Românovna, foi feita analogia com os arquétipos: O Amante e O Governante. Do Amante ele tem a crença de ser único, tem experiência, medo de ser rejeitado, tem a pretensão de tornar-se cada vez mais atraente fisicamente e emocionalmente. Do Governante, a crença no poder e controle, a autoridade e a liderança (Souza, 2016). Svidrigáilov, se apaixonou por Avdótia Românovna, fez muita pressão para ficar com ela até ela deixar o emprego. Quando percebeu que não tinha mais meios para conquistar Avdótia Românovna, ele se mata.

Piotr Pietróvitch Lújin, noivo de Avdótia Românovna, tem características de três arquétipos: O Amante, O Criador e O Governante. Do amante ele tem a crença de ser o único, tem experiência, medo de ficar sozinho, medo de ser rejeitado e ideal de se tornar-se cada vez mais

atraente fisicamente e emocionalmente. Como O Criador ele acredita ser capaz de tudo o que ele quisesse, realização de uma visão e perfeccionismo. Do Governante, o poder e o controle sobre as pessoas, o poder acima de qualquer coisa, autoridade (Souza, 2016). Homem prático, cheio de ocupações e negócios, de posição importante. Piotr Pietróvitch Lújin, usava de sua posição social e de seu dinheiro para manipular as pessoas e exercer sem escrúpulos o seu poder.

Alíona Ivânovna, tinha as características do arquétipo O Governante, que são: o poder acima de tudo, controle, autoridade, liderança, chefia e administração (Souza, 2016). Alíona Ivânovna, era usurária. Déspota com sua irmã Lisavieta Ivânovna, única parenta que tinha.

Porfíri Pietróvitch, tem todas as características do arquétipo O Sábio: encontrar a verdade, usar a inteligência e a análise para compreender o mundo, medo de ser enganado, iludido, ou ser ignorante; buscar informação e conhecimento, autorreflexão e compreensão dos processos do pensamento, sabedoria, inteligência. O Sábio também é conhecido como: O perito, o erudito, o detetive, o conselheiro, o pensador, o filósofo, o acadêmico, o pesquisador, o planejador, o profissional, o mentor, o professor, o contemplador (Souza, 2016). Como sabemos Porfíri Pietróvitch, foi um dos responsáveis pelo drama psicológico vivido por Raskólnikov, já que ele era o investigador responsável pelo caso. Sempre muito inteligente e perspicaz ele sabia como abalar o jovem assassino.

O estudo possibilitou evidenciar que dos doze arquétipos, apenas um não foi identificado entre as personagens do livro - *O Explorador*. Dos arquétipos identificados três deles teve predominância de reincidência - *O Cuidador*; *O Inocente*; e *O Governante*, seguido do *Sábio* e o *Criador* presente em dois personagens, e os demais apareceram apenas uma vez em um único personagem.

47

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se na obra de Dostoievski por meio do modo pelo qual o autor narra o enredo histórico de seus personagens a possibilidade de identificar as características personificadas de cada uma delas, favorecendo a oportunidade de aprofundar a discussão no campo psicológico entre a teoria junguiana da personalidade e os personagens descrito na obra, o que, facilitou a analogia dos arquétipos. Havendo o indício de que para Dostoievski o mundo interno tem a mesma importância do mundo externo, o que fez com que sua obra se aproximasse de um ensaio sobre a psicologia humana.

Contudo, este estudo abre caminho para ampliação da análise sobre os arquétipos junguianos em diversos contextos da vida envolvendo os seres humanos e suas relações interpessoais.

5 REFERÊNCIAS

- Borges, L. S., & Alencar, H. M. (2009). Moralidade e homicídio: um estudo sobre a ação do transgressor. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 19(44), 293-302.
- Dostoievski, F. M. (2004). *Crime e Castigo*. São Paulo: Sabotagem.
- Ferreira, L., Antoniassi Júnior, G., Fonseca, G. G., Fonseca, R. G., & Ramos, F. V. C. (2015). Os modos de vida constituídos pelo homicida: um estudo de caso. *Brazilian Journal of Forensic Sciences, Medical Law and Bioethics*, 4(3), 316-331.
- Jung, C. G. (2000). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Tradução Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes.
- Massola, G. M. (2007). Mimese e crime em Adorno e Horkheimer: comentário sobre o "Fragmento de uma teoria do criminoso". *Estudos de Psicologia (Natal)*, 12(2), 133-139.
- Piaget, J. (1994). *O juízo moral na criança*. São Paulo: Summus.
- Pichatelli, M. (2016). Carl Gustav Jung: os doze arquétipos comuns. *Psicologias do Brasil*. Retirado em 20 de agosto de 2019 <https://www.psicologiasdobrasil.com.br/carl-gustav-jung-os-doze-arquetipos-comuns/>
- Resende, J. P., & Andrade, M. V. (2011). Crime social, castigo social: desigualdade de renda e taxas de criminalidade nos grandes municípios brasileiros. *Estudos Econômicos (São Paulo)*, 41(1), 173-195.
- Santos, R. C. dos, Santos, J. C. dos, & Silva, J. Aparecido da. (2018). Psicologia da literatura e psicologia na literatura. *Temas em Psicologia*, 26(2), 767-780.
- Silva, O. R., Oliveira, S. M., & Dias, C. A. (2014). A pesquisa em Representações Sociais em torno do crime de homicídio: um diálogo entre a psicologia social e o direito. *P@rtes*, x(x), 1-10.
- Souza, T. (2016). Os arquétipos, segundo Carl Gustav Jung. *Psiconline*. Retirado em 18 de agosto de 2019 de <https://www.psiconline.com/2016/12/os-arquetipos-segundo-carl-gustav-jung.h>